

DIA MUNDIAL DO TEATRO

27 DE MARÇO 2022

Horário	Espaço	Evento
10h15 - 11h00	Retratos	Espetáculo público infanto-juvenil Antiprinçasas: Frida Khalo
11h00 - 12h00	Fundos	Exposição + lançamento catálogo digital Vestígios
12h00 - 13h00	Auditório	Lançamento de livros Jorge Loureiro Figueira
		Almoço
14h00 - 15h30	Auditório	Conversa com Aby Cohen
15h00 - 16h00	Retratos	Espetáculo público adulto The Future Show
16h00 - 17h00	Auditório	Exposição + conversa Molière 400 anos . A cena em Portugal
17h00 - 18h00	Galeria	Exposição 70 anos TEP – Um arquivo vivo

ATIVIDADES

ANTIPRINÇESAS: FRIDA KHALO

10h15 | SALA DOS RETRATOS | ESPETÁCULO | MAIORES DE 3 ANOS

Muito longe daqui, do outro lado do oceano, existe um país chamado México. Mé-xi-co. Neste lugar, há muito tempo, muito tempo, viveu uma menina chamada Frida. Frida. Parece Ferida? Mas não é. É Frrrrrida. Frida Kahlo, a maior pintora do mundo

Para descarregar fotos em alta resolução: <https://we.tl/t-gcnFlwyR1T>

Direção Cláudia Gaiolas | Interpretação Leonor Cabral | Coprodução São Luiz Teatro Municipal e Teatro Meia Volta e Depois à Esquerda Quando Eu Disser

VESTÍGIOS

11H00 | SALA DO FUNDO | EXPOSIÇÃO | INAUGURAÇÃO

Esta exposição funciona como um prolongamento do XIII Encontro Nacional da APCEN – Associação Portuguesa de Cenografia que decorreu em outubro de 2021 sob o tema “Explosão e expansão PT na PQ e PQ em PT”, e que também teve lugar no Museu Nacional do Teatro e da Dança. Estarão reunidos registos, obras ou fragmentos de trabalhos que, ao longo dos anos, participaram nas representações oficiais e não-oficiais de Portugal na Quadrienal de Praga (PQ), o maior evento mundial dedicado à cenografia e arquitetura de palco. Estes vestígios,

encontro de materialidades, criam um novo espaço que evocará memórias desses diversos tempos.

Cenógrafos participantes na exposição: Ana Paula Rocha, António Casimiro, Carolina Espírito Santo, Clara Bento, Cristina Reis, Filipa Malva, Fernando Alvarez, Francisca Castro, Francisco Moura Pinho, Helena Calvet, Helena Guerreiro, Inês de Carvalho, João Brites, José Manuel Castanheira, João Mendes Ribeiro, Joana Saboeiro, Jonathan Azevedo, José Capela, Luís Santos, Marta Carreiras, Mariana Arnal Fernandes, Maria Luís, Miguel Ricardo, Nuno Tomaz, Rui Francisco, Ricardo Correia, Pedro Castanheira, Pedro Crisóstomo, Pessoa Júnior e Sara Franqueira.

Organização APCEN – Associação Portuguesa de Cenografia

Exposição patente até 17 de abril de 2022.

Fotos:

PQ2019_Windows_JoséCapela @ José Carlos Duarte

PQ2015_IdentityBox_APCEN "A partir de Barbi(e)", de Filipa Malva, Ricardo Correia e Jonathan Azevedo / Intervenção de Filipa Malva

POR ESCRITO - TEATRO DE JORGE LOURAÇO FIGUEIRA

12h00 | AUDITÓRIO | EDIÇÃO | LANÇAMENTO DE LIVROS

Lançamento da coleção "Por escrito - teatro de Jorge Louraço Figueira", editada pela Húmus, com a apresentação dos dois primeiros livros da coleção: "À Espera de Beckett ou quaquaquaqu" e "Cotovelo".

Além das peças agora lançadas, e ainda de uma seleção de ensaios e de críticas de teatro no jornal Público, intitulada "Teatro Precário", farão parte da coleção as seguintes peças inéditas e reedições: "As Sete Vidas da Argila" (2021); "Patoá" (2019); "Repetição do Fim do Mundo" (2018); "Mochila" (2018); "Osselo" (2017); "Roda do Mosteiro Velho" (2015); "Sirene" (2014); "Águas Passadas" (2013); "Cassandra de Balaclava" (2013); "Círio dos Salvados" (2012); "Rei Duas Vezes" (2011); "Teleganza" (2011); "República/s" (2010); "Cabaré da Santa" (2008); "Flash no Escuro" (2004); "Xmas qd Kiseres" (2002); "O Espantalho Teso" (2000).

Jorge Louraço Figueira (Nazaré, 1973) escreveu as peças *As Sete Vidas da Argila*, *À Espera de Beckett ou quaquaquaqu*, *Cassandra de Balaclava*, *Xmas qd Kiseres* e *O Espantalho Teso*, entre outras. É doutorado em Estudos Artísticos na Universidade de Coimbra e fez a Oficina de Escrita Teatral de Antonio Mercado, no Teatro Nacional S. João; o Seminário Traverse Theatre, com Enda Walsh e John Tiffany, nos Artistas Unidos; a Residência Internacional do Royal Court Theatre; e o Seminário de Escrita Teatral de J. S. Sinisterra, no Teatro Nacional Dona Maria II. Foi coordenador da Pós-Graduação em Dramaturgia da ESMAE (Porto); crítico de teatro do jornal Público; e dramaturgo residente no Teatrão, Coimbra. Entre outros ensaios, publicou "Livro dos Exílios Reais e Imaginários", sobre o FITEI, e "Verás que Tudo É Verdade", sobre o grupo Folias, de São Paulo.

Nota: Poderão ser disponibilizados excertos das peças e dossiês de imprensa dos espetáculos.
Parceria com Edições Húmus

CONVERSA COM ABY COHEN

14H00 | AUDITÓRIO

Aby Cohen é cenógrafa, curadora e presidente da OISTAT - International Organisation of Scenographers, Theater Architects and Techicians.

Nesta conversa Aby Cohen falará sobre as diversas possibilidades de participação em projetos, comissões e atividades promovidas pela OISTAT e pela World Stage Design (WSD). Aby falará também da relação entre a OISTAT e a Quadrienal de Praga (PQ) e abordará questões locais e globais que envolvem as práticas cenográficas contemporâneas.

Organização APCEN – Associação Portuguesa de Cenografia

THE FUTURE SHOW

15h00 | SALA DOS RETRATOS | ESPETÁCULO

“Assim que eu acabar de falar, vocês vão aplaudir. Mesmo aqueles que se aborreceram um pouco vão aplaudir, porque é uma maneira confortável de assinalar um final.” É com esta situação que começa “The Future Show”.

Prevê-se o que vai acontecer no final do espetáculo. A seguir prevê-se o que vai acontecer a seguir, e mergulha-se numa especulação sobre o futuro da pessoa que atua no espetáculo, depois de o espetáculo acabar. Há de passar pelo camarim, sair do teatro, andar na rua, eventualmente apanhar um transporte... Um dia há de morrer.

“THE FUTURE SHOW” foi concebido por Deborah Pearson. Sobre este projeto, ela escreve: “The Future Show é tanto uma performance como um projeto em andamento. É uma peça que conta a história do futuro, começando pelo final do espetáculo e prosseguindo até ao fim da minha vida, que é consistentemente reescrita para ser time e site-specific. É um espetáculo que é um trabalho de Sísifo, examinando a mundanidade, a incerteza e a fragilidade dos nossos futuros.” O futuro está sempre a mudar, de facto.

Texto e interpretação Jorge Andrade, a partir de guião The Future Show de Deborah Pearson | Produção mala voadora associação cultural | estrutura financiada pelo Governo de Portugal – Ministério da Cultura/Direção-Geral das Artes, conta com o apoio da Fundação "la Caixa" / BPI, e é associada d'O Espaço do Tempo.

MOLIÈRE 400 ANOS. A CENA EM PORTUGAL

16h00 | AUDITÓRIO | EXPOSIÇÃO | INAUGURAÇÃO + CONVERSA

Para celebrar os 400 anos do nascimento de Molière, o MNTD organiza uma exposição virtual sobre a receção em Portugal das peças do dramaturgo francês, desde o século XVIII até aos nossos dias.

A inauguração da exposição é acompanhada de uma conversa entre Christine Zurbach, a curadora, e António Pires, Miguel Loureiro e Ricardo Alves, encenadores que levaram recentemente peças de Molière à cena.

Molière, entre a escrita da sua primeira peça (“L’Étourdi” em 1653) e da última (“O Doente Imaginário” em 1673), defendeu e teorizou a comédia, equiparando-a à tragédia, e definiu-lhe uma nova estética que, pintando os homens segundo a sua natureza (*peindre d’après nature*), visava agradar e instruir o público, cumprindo assim o princípio horaciano da *utile dulci*. Atualmente, os biógrafos de Molière pintam uma figura complexa, destacando o pensador-filósofo e o analista nas suas comédias, bem como o intérprete exímio da farsa burlesca.

A obra de Molière ficou rapidamente conhecida na Europa através das companhias ambulantes e, no início do século XVIII, foi recebida pela elite culta e erudita portuguesa como um modelo para a renovação do repertório de teatro no contexto da polémica em torno do teatro espanhol de características populares, em declínio nessa altura, e do teatro francês.

Em 1737 teve lugar a primeira apresentação em Portugal da obra de Molière, na versão atribuída a Alexandre de Gusmão, secretário do rei D. João V, do original em prosa “George Dandin (ou Le Mari Confondu)” por iniciativa de Lord Tirawley, embaixador da Inglaterra na Corte portuguesa. Seguiu-se uma grande popularidade na segunda metade do século XVIII, nos palcos do Teatro do Bairro Alto e do Teatro da Rua dos Condes e nas edições das peças, em traduções ou adaptações “ao gosto português”, comercializadas em folhetos de cordel. No século XIX aumenta o volume e a circulação das publicações com adaptações concebidas para agradar ao gosto dominante, onde se destaca o trabalho de António Feliciano de Castilho, na segunda metade do século, com as suas versões pessoais das obras, adjetivadas de *libérrimas*.

Já no século XX, destacam-se as adaptações da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro e, na contemporaneidade, a receção de Molière é marcada por desafios de duas naturezas, a nova leitura dos textos clássicos, após 1970, e o desafio da adaptação que se coloca até ao derradeiro espetáculo em cena nos palcos portugueses, o “D. Juan” pelo Teatro do Bairro, em fevereiro de 2022.

Curadoria Christine Zurbach | Organização Museu Nacional do Teatro e da Dança

70 ANOS TEP – UM ARQUIVO VIVO

17h00 | GALERIA | EXPOSIÇÃO | INAUGURAÇÃO

É impossível escrever a história do teatro em Portugal sem olhar atentamente o TEP – Teatro Experimental do Porto, a mais antiga companhia de teatro profissional de Portugal. Nascido em 1951 de um desejo de renovação da cena portuguesa, o TEP fez subir ao palco grandes

dramaturgos nacionais e estrangeiros, clássicos e de vanguarda. Foi, desde o início, um espaço de afirmação da encenação moderna em Portugal e também de experimentação de novas linguagens ao nível da cenografia e da iluminação. O TEP foi igualmente uma escola de representação – daqui saíram atores como Dalila Rocha, João Guedes ou Mário Jacques – e um lugar onde artistas/intelectuais multifacetados e carismáticos como António Pedro – diretor da companhia ente 1953 e 1962 – ou Ernesto de Sousa tiveram oportunidade de criar e por em prática as suas ideias.

Os motivos para a comemoração do 70.º aniversário do Teatro Experimental Porto são, por isso, múltiplos, estendendo-se ao longo de um período temporal relativamente alargado.

O nascimento desta estrutura de criação teatral vê-se alicerçado numa vontade de mudança, preconizada pela candidatura à Presidência da República de José Norton de Matos, em 1949, e que motivou o surgimento de vários movimentos de resistência política (e cultural), na cidade do Porto (e não só). Em termos formais, o percurso do CCT-TEP inicia-se com a assinatura da Ata de Fundação, a 21.02.1951. Porém, em termos práticos, a estreia dos primeiros espetáculos da companhia, terá apenas lugar a 18.06.1953, no Teatro Sá da Bandeira; data cujo 70.º aniversário se assinalará no próximo ano de 2023.

São, por isso, diversos os momentos desta história, feita de estórias, que serão colocados a descoberto, e à descoberta, neste primeiro momento comemorativo; uma exposição-instalação, retrospectiva e em grande medida introspectiva, desenvolvida a partir do espólio documental e artístico do Teatro Experimental do Porto e do Museu Nacional do Teatro da Dança.

“Um Arquivo Vivo” que se quer feito de vivências e, também por esse motivo, em permanente construção, a partir de fragmentos vários de memórias, criadas entre e a partir de duas cidades vizinhas, Porto e Gaia, e, muitas vezes, com passagem por Lisboa. Fragmentos de espaço(s) e tempo(s), cenários, figurinos, fotografias, e outros registos, materiais e/ou digitais, que nos remetem para as produções e para os a(u)tores - onde se incluem dirigentes, encenadores, atores, artistas plásticos, cenógrafos, músicos e outros trabalhadores do espetáculo – que participaram ativamente no longo historial de experimentação, colaboração e intervenção do Teatro Experimental do Porto.

Curadoria Teatro Experimental do Porto (Ana Gago, Ana Temudo, Catarina Barros, Filomena Louro, Gonçalo Amorim, Pedro Alves, Rui Pina Coelho) | Organização Museu Nacional do Teatro e da Dança e Teatro Experimental do Porto.

Exposição patente até 26 de junho de 2022.